



desarquivando

# ALICE

Gonzaga

82 MINUTOS / COR e P&B / JANELA 1.85 / SOM 5.1



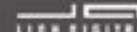
15  
anos



REALIZAÇÃO



APOIO



Cineoteca  
Museu de Arte Moderna  
Rio de Janeiro



## Sinopse

“Desarquivando Alice Gonzaga” é um documentário que revisita uma parte importante da história do cinema brasileiro através da vida e da obra de Alice Gonzaga, filha de Adhemar Gonzaga, cineasta sonhador que, em 1930, fundou a Cinédia, primeiro estúdio de cinema no Brasil.

No filme, abrimos o precioso arquivo da Cinédia junto com Alice e conhecemos as histórias de Gonzaga e suas apostas cinematográficas.

Aos 82 anos, Alice mantém vivo o legado de seu pai. Ela tem muita história para contar, pois o cinema faz parte de sua vida desde que nasceu.



## Apresentação

**Desarquivando Alice Gonzaga** é o novo longa metragem da cineasta Betse de Paula. Documentário finalizado em 2K, com produção da Aurora Cinematográfica, empresa originalmente brasiliense que está completando 20 anos de fundação, aborda a vida e a carreira de uma das grandes personalidades do cinema brasileiro, a empresária e preservadora audiovisual Alice Gonzaga.

Rodado ao longo de 2016, **Desarquivando Alice Gonzaga** revela um lado pouco conhecido da diretora da Cinédia, famoso e pioneiro estúdio de cinema fundado em 1930 por seu pai, o jornalista, produtor e cineasta Adhemar Gonzaga.

O filme explora seus relatos de memória - pessoal, familiar e em torno do cinema brasileiro que conheceu e vivenciou junto ao estúdio. E o seu trabalho solitário e cotidiano de arquivar a história do cinema, sob a forma de recortes, fotos, cartazes, cartas e outros registros reunidos no lendário e pouquíssimo visto "Arquivo Cinédia", gigantesco repositório documental iniciado em 1914 e ainda alimentado nos dias atuais.



## No Arquivo da Cinédia

Em uma rara incursão a esse grande tesouro cultural desconhecido do país, cenário de grande parte do filme e fruto direto de sua persistência, tenacidade e compromisso, a narrativa leve e descontraída acompanha Alice em sua paixão e relação com o passado, com a organização do passado, pessoal, familiar e corporativo, e com sua preservação para gerações futuras. Bem humorada, vaidosa, sem papas na língua, a personagem comenta também o papel e a posição da mulher que, vinda de uma era machista, sexista e preconceituosa, precisou de uma "autorização para comerciar", mas soube se impor como empresária, realizadora, produtora, pesquisadora, escritora e preservadora.



O trabalho de conservação e restauração da filmografia da Cinédia e da família Gonzaga rende descobertas e momentos preciosos, desde as imagens do bebê Alice, feitas pelo famoso diretor de fotografia Edgar Brasil, até os raríssimos registros de bastidores dos estúdios de São Cristovão em sua época de ouro. O material de arquivo, oriundo da era da película, foi digitalizado em alta definição e recebeu tratamento especial de som e imagem, sem retirar o toque de época que Alice tanto preza e preserva. Entre as pérolas estão clips de filmes clássicos como Alô, Alô, Carnaval, registros das famosas feijoadas nos anos 1970 e até momentos dramáticos como a queima dos nitratos originais em 1986 e a enchente que ameaçou o acervo até então restaurado.

No dizer de sua diretora, **Desarquivando Alice Gonzaga** não é propriamente uma cinebiografia, mas um auto-retrato composto em grande medida pela própria personagem principal. Uma investigação sincera de um dos grandes ícones por trás das câmaras, na trajetória do cinema brasileiro.

Alice conheceu várias gerações de técnicos, realizadores, artistas, distribuidores, críticos e exibidores, convivendo com personalidades como Carmen Miranda, Luís de Barros, Oswaldo Massaini, Francisco Alves, Gilda Abreu e Humberto Mauro, entre centenas de nomes, e traz um relato vibrante de uma cinematografia que teimou em se impor às adversidades.

Sem previsão de lançamento no circuito comercial, **Desarquivando Alice Gonzaga** percorrerá inicialmente o circuito de festivais, promovendo também a causa da preservação audiovisual, que tem em sua pessoa uma das encarnações vivas da luta contra o esquecimento e a destruição do



## O Projeto



A idéia para um filme sobre Alice Gonzaga surgiu de um encontro entre a diretora Betse de Paula e a sua personagem durante o 4º. Anápolis Festival de Cinema, em 2014. No início do século XXI, Betse desenvolvera em parceria com a roteirista Júlia Abreu um projeto de longa metragem de ficção sobre a realização do campeão de bilheteria O Ébrio nos estúdios da Cinédia em São Cristovão. Jogada de Milhões nunca foi produzido e ao reencontrar Alice em Anápolis percebeu que poderia tratar do universo cinediano de outra maneira.

Embora estivesse no evento com sua mais nova comédia dramática, Vendo ou Alugo, se aproximara um pouco antes do documentário como uma linguagem que lhe permitia aprofundar certos aspectos de personalidades que lhe interessavam, como em Revelando Sebastião Salgado, seu primeiro longa documental. Por outro lado, o novo campo também lhe interessava por desafios de criação opostos aos da ficção, na medida em que tinha que lidar com o imponderável e a mudança constante dos parâmetros de filmagem.



Originalmente pensado como um longa centrado em conversas com Alice Gonzaga, logo transformou-se no acompanhamento de sua rotina diária, que se conecta menos com a empresa e mais com seu trabalho cotidiano de recolhimento, organização, catalogação e arquivamento de milhares de documentos anuais relativos à atividade cinematográfica no Brasil.

A equipe descobriu no Arquivo Cinédia o cenário ideal para o novo filme e um lado pouco conhecido daquela que foi chamada pelo jornalista Arthur Xexéo de a "Primeira Dama do Cinema Brasileiro".

Certamente a biografia de Alice Gonzaga poderia se confundir com muitos momentos importantes que a cercaram desde os anos 30 do século passado, passando pelo contato com notáveis das artes, da política e da sociedade; poderia acompanhar sua carreira de jornalista, empresária, produtora e cineasta; poderia até mesmo desvendar um pouco do lado self-made-woman que a caracteriza desde que resolveu ter renda pessoal e trilhar um caminho próprio. Mas uma Alice Gonzaga no presente se impôs. Do alto de seus 82 anos, não havia como deixar de captar a energia, vivacidade, espírito da Sra. Cinédia.



## As Filmagens

Foram 10 encontros ao longo do ano de 2016, sempre seguindo Alice pelos corredores do arquivo, com ela nos guiando por sua vida ao mesmo tempo em que arquivava os últimos recortes e nos mostrava tesouros da história familiar, da companhia e do cinema brasileiro. Um roteiro completamente diferente do que estamos acostumados, só interrompido pelo mergulho nas imagens e sons do tempo, muitos sugeridos por ela, outros descobertos pela produção. “Na medida que os encontros iam se sucedendo, ela vinha com mais informações, mais documentos, mais filmes. Já tínhamos formatado uma primeira montagem e Alice nos presenteou com imagens inéditas de sua primeiríssima infância. Cenas deliciosas dela bebê, com os pais e brincando na Cinédia ainda em formação. Mudamos tudo e poderíamos ter mudado outras vezes, porque o arquivo é inesgotável”, comentou Betse com a montadora Dominique Paris ao final da edição.



O resultado final é um delicado equilíbrio entre as diferentes facetas de uma mulher extraordinária, com destaque para a produtora, a arquivista e a preservadora. Esta última pessoa talvez tenha sido a mais desafiadora e a mais importante, pois o acervo de filmes e documentos da Cinédia poderia ter tido o destino ingrato de tantas outras iniciativas do cinema brasileiro, não fosse a determinação de cuidar, de preservar, de transmitir que Alice teve, ao procurar os filmes, restaurá-los duas vezes e zelar por sua preservação. **Desarquivar Alice Gonzaga** foi também desarquivar um pouco dessa história oculta.



## ALICE e a preservação



Alice Gonzaga nasceu em 1934 praticamente dentro do estúdio da Cinédia, onde os pais Adhemar Gonzaga e Didi Vianna viviam e trabalhavam, fazendo cinema. Conviveu desde a infância com o mundo mágico do estúdio cinematográfico, contra o que os avós paternos acabaram se opondo. Participou de alguns filmes como atriz mirim em pequenas pontas, como em Bonequinha de Seda (1936) e Romance Proibido (1944). Paralelamente, auxiliava o pai nos pequenos afazeres de continuação do arquivo documental que ele criara também criança. Começou separando e alfabetando recortes, para depois passar a lê-los e empunhar a tesoura que os recortava, um símbolo que a acompanha até os dias atuais. A passagem por internatos católicos não a afastou deste trabalho, que exercia nas férias passadas na Cinédia até a juventude. Até exerceu seu senso de organização e o estoicismo de se cobrar compromisso e persistência em um trabalho solitário e sem nenhum retorno financeiro ou midiático.

Já adulta afastou-se para constituir família, ter três filhas e começar a desenvolver seu tino comercial. Com a doença do pai, no início dos anos 1970, tomou a decisão que mudaria sua vida: assumiu a direção da Cinédia e começou a trabalhar para modernizar a companhia, sem esquecer do passado. Coordenou a recuperação do acervo, realizada de 1972 a 1994, com recursos próprios. Reorganizando o arquivo documental, onde voltou a trabalhar regularmente em meados dos anos 70, dali produz também pesquisas históricas e edita livros como 50 anos de Cinedia (1985), Gonzaga por ele mesmo (1988) e Palácios e poeiras – 100 anos de cinemas no Rio de Janeiro (1996), este um clássico dos estudos relacionados à chamada Nova História do Cinema. Tudo corria bem até que em 1996 uma grande enchente atingiu os estúdios, o acervo documental e os filmes, pondo em risco o patrimônio da Cinédia. Os filmes particularmente foram bastante atingidos e dos dois mil rolos que guardava, perdeu quase a metade logo nos primeiros dias após a catástrofe. Felizmente nenhum título ficou irremediavelmente comprometido, mas muitas estavam ameaçados de desaparecimento se nada fosse feito.

Nesse momento, Alice Gonzaga mudou suas prioridades e dedicou todo o tempo livre para buscar patrocínios, coordenar novamente os trabalhos de restauração e chamar a atenção para a causa da preservação. De 1997 a 2013 desenvolveu incansável trabalho para salvar a filmografia da Cinédia, conseguindo feito inédito no campo da preservação e inspirando muitos outros produtores e realizadores a valorizar suas criações e sua permanência como patrimônio.



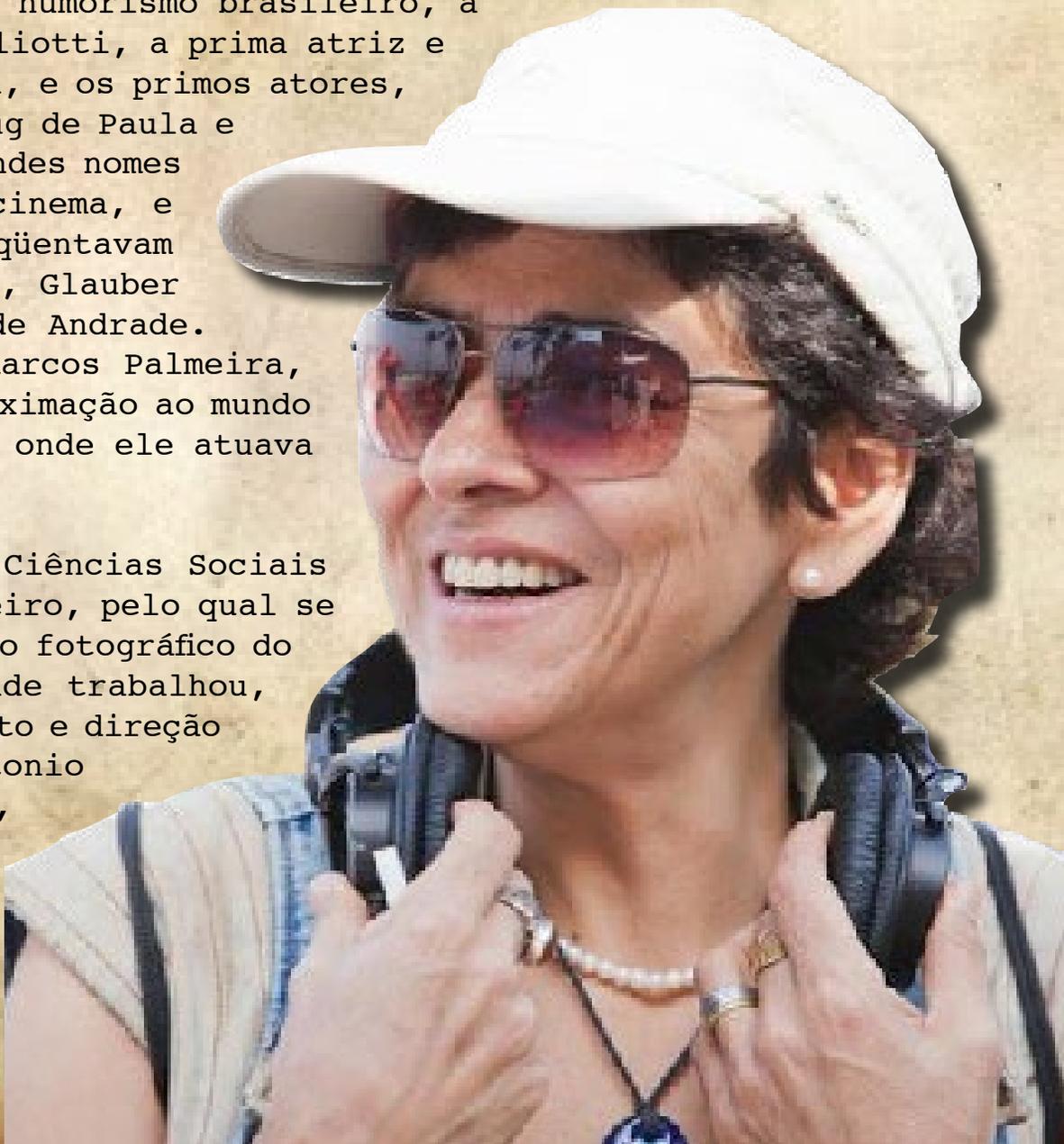
Desde que assumiu a condução da Cinédia em 1971, Alice nunca deixou de trabalhar no arquivo documental, reservando parte do seu tempo diário para alimentá-lo com os acontecimentos do cinema brasileiro e mundial. Mais do que triplicou o tamanho do acervo recebido de seu pai, distribuindo a massa documental que continua a organizar sozinha por mais de 170 arquivos de aço, estantes e armários. Verdadeira fonte de prazer e senso de pertencimento a uma comunidade forjada por seu pai ainda ao tempo da revista Cinearte, o Arquivo Cinédia é atualmente o maior patrimônio documental do país sobre cinema em geral e cinema brasileiro em particular, cobrindo desde os primórdios até a atualidade, acumulando cerca de dois milhões de documentos. É também o refúgio natural da menina Alice, que repete os gestos e o caminho do pai, mas com discreta e ativa voz própria, depois que aprendeu que não precisava ser somente "bela, recatada e do lar" para ter um projeto de vida e dar uma contribuição ao país.



## **Betse de Paula**

Betse Palmeira de Paula nasceu no Rio de Janeiro em 1962. Cineasta, produtora e roteirista premiada, desde a infância esteve ligada às artes. Isso foi o reforço da vocação artística, uma vez que sua família é composta por importantes nomes do cinema e TV, como o pai, o cineasta e produtor de cinema Zelito Viana, o tio Chico Anysio, um dos maiores nomes do humorismo brasileiro, a tia atriz e diretora teatral Lupe Gigliotti, a prima atriz e diretora de televisão Cininha de Paula, e os primos atores, dubladores e radialistas Nizo Neto, Lug de Paula e Bruno Mazzeo, além de conviver com grandes nomes da arte brasileira, em especial do cinema, e em particular do Cinema Novo, que freqüentavam a casa paterna, como Eduardo Coutinho, Glauber Rocha, Leon Hirszman, Joaquim Pedro de Andrade. Mas foi com o irmão, o futuro ator Marcos Palmeira, que ainda criança teve a primeira aproximação ao mundo da arte, concebendo e dirigindo peças onde ele atuava juntos com os primos.

Em paralelo ao ingresso no curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, pelo qual se formou, depois de um estágio no arquivo fotográfico do CPDOC da Fundação Getúlio Vargas, onde trabalhou, fazia cursos de roteiro com Doc Comparato e direção com Joaquim Pedro de Andrade e Antonio Carlos Fontoura. Ingressa no cinema, trabalhando ao lado do pai em uma série de institucionais de turismo, intitulada BBTur e prosseguiu com diversas assistências de direção e montagem em longas metragens.



Betse pensou em cursar a graduação em cinema no então Idhec (atual Femis), em Paris, mas foi dissuadida pelo crítico e amigo José Carlos Avellar, que a aconselhou a voltar para a Brasil e simplesmente fazer. Aproveitou os meses que passou na cidade para fazer um curso informal e intenso com a professora e crítica Sylvie Pierre, que a orientou quanto a leituras e projeções. A primeira retrospectiva completa a que assistiu na Cinémathèque Française foi de Ernst Lubistch, que se tornaria uma referência e uma influência ao lado de Luís Buñuel, Jacques Tati, Billy Wilder e Pedro Almodóvar. A formação se completaria com cursos de roteiro com Jorge Duran, Jean-Claude Carrière e Syd Field.

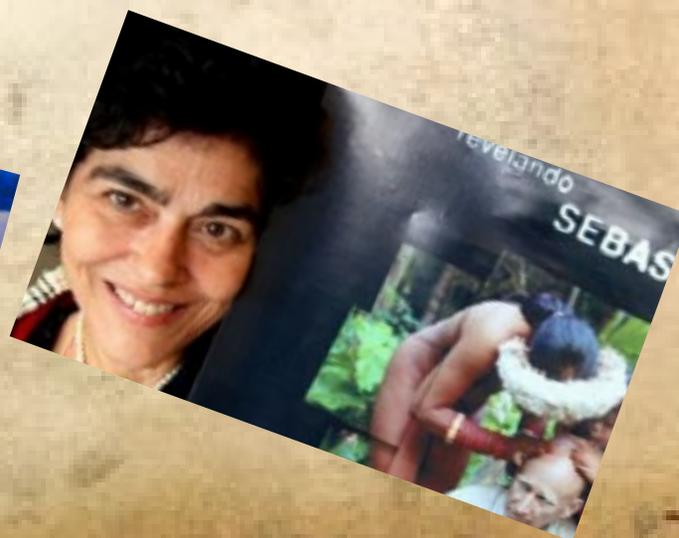
A veia humorística e a comédia dramática se tornariam o esteio de sua carreira cinematográfica.



O primeiro projeto como diretora, o curta S.O.S. Brunet!, já apresenta o interesse pelos pequenos absurdos e contrariedades do cotidiano, tratados em chave cômica, satírica e irônica. De suas origens e formação ficaram o retrato social como ingrediente e enquadramento de uma visão cotidiana e bem humorada da vida brasileira pós-ditadura civil-militar. Junto com Por Dúvida Das Vias, um de seus trabalhos preferidos, e Feliz Aniversário Urbana, concebe a "trilogia da claustrofobia", indicando o quanto os ambientes fechados e suas metáforas e simbolismos irão jogar dramaticamente em obras futuras como Vendo ou Alugo, seu maior sucesso, e **Desarquivando Alice Gonzaga**. A própria Betse sente necessidade de um caminho mais independente e pessoal, o que se conjuga com o ambiente de retração e desmonte do cinema na Era Collor. Já casada com o antropólogo Aurélio Viana Jr, mudam-se para Brasília no princípio dos anos 90, onde sua carreira deslança através de curtas, séries para a televisão e a realização de seus dois primeiros longas metragens, O Casamento de Louise e Celeste & Estrela, onde retoma elementos das chanchadas e os conjuga com o humor brasileiro contemporâneo, optando pela leveza do comentário e da ação em vez do escracho e do quiproquó. Em 1997 funda sua produtora, a Aurora Cinematográfica.

Integrante de uma geração que teve que adiar a estréia no longa metragem, Betse prossegue no século XXI com uma carreira que se divide entre o refinamento da matriz cômica, em que atinge a maturidade e o reconhecimento crítico, com o sucesso de Vendo ou Alugo, e o aprofundamento de uma estratégia discursiva para o documentário. Neste campo, em que se iniciou na série Estação Ciência, ainda em Brasília, estabelece um estilo mais definido nos episódios que dirige para série Retratos Brasileiros, do Canal Brasil. Acompanhando a voga do documentário como principal esteio de produção do cinema brasileiro contemporâneo, ingressa no longa metragem com o premiado Revelando Sebastião Salgado, o que lhe permite fixar uma linha de trabalho em torno de personagens novamente "enclausuradas". Nos últimos anos associou-se à voga das séries contemporâneas, desenvolvendo um longo projeto sobre os diretores de fotografia brasileiros. E outro sobre Guardiãs da Floresta, mulheres que com seu trabalho e modo de vida defendem a Floresta e o Planeta.

Betse detém os títulos de Comendador da Ordem do Mérito Cultural do Distrito Federal e Embaixadora Honorífica de Brasília. Foi fundadora da APROCINE e dirigente da ABRACI e da ABD. Lecionou Roteiro, Direção e Práticas Cinematográficas no curso de Cinema da Universidade Estácio de Sá de 2007 a 2010.



# Entrevista

## *Como nasceu o projeto de um filme sobre Alice Gonzaga?*

BP – Nós tivemos um contato muito estreito no início do século, quando eu a procurei com o roteiro de Jogada de Milhões. Era um filme sobre a feitura do O Ébrio, um roteiro muito aventureiro que eu escrevi com Júlia Abreu. E eu fiquei tentando viabilizar a produção e assim me aproximei da Alice. Nos encontrávamos de vez em quando e eu fui percebendo o jeito extrovertido, despachado, alegre dela, com o qual eu me identifico muito. Nesses tempos em que tudo é tão irrepreensível, de uma correção absoluta, acho a postura polêmica, politicamente incorreta dela, muito mais interessante como atitude, verdade. É uma pessoa sem máscaras, direta, sem medo de incomodar. E do jeito dela faz um trabalho incrível com a Cinédia, um estúdio fundamental na história do cinema brasileiro, e com a preservação. Ela é um símbolo na área.





### *E quando o projeto tomou corpo?*

Em 2014. Estávamos no Festival de Anápolis, onde fui apresentar o *Vendo ou Alugo*, e eu fui falar com ela. Eu procurava novas idéias e dali surgiram o **Desarquivando Alice Gonzaga** e a série *Luz & Sombra*, uma experiência maravilhosa em torno dos fotógrafos de cinema. Propus um filme sobre ela e ela topou. Conseguimos o interesse do canal Curta! e com o apoio do FSA, começamos a fazer dois anos depois. A cada encontro filmávamos um pouco ela falando sobre sua história, que se confunde também com a da Cinédia e a do próprio cinema no Brasil. Quanta gente ela conheceu! Mas o filme foi se fazendo aos poucos e mudando muito a cada encontro. Era uma surpresa atrás da outra, uma revelação atrás da outra. Até o último momento ela nos trouxe coisas novas e até o último corte, alteramos a narrativa.

### ***Havia uma proposta prévia?***

Sim, mas ela escapava. Alice é o imponderável e isso casa com a forma como gosto de trabalhar o documentário. Em vez de ficar sentada ouvindo, vou atrás da pessoa, que está andando o tempo todo. Gosto quando sai do controle e ela saia do controle o tempo todo. Mudava de roupa a cada encontro, alterava o rumo da conversa, retomava papos anteriores. Não havia uma idéia do que fosse Alice Gonzaga. Como em meus outros trabalhos documentais, a própria pessoa cria a sua narrativa, o seu auto-retrato, fosse qual fosse.



### ***Por quê o filme se passa em um arquivo? Não é um cenário monótono?***

Nem um pouco. Descobrimos que era ali que Alice ficava a maior parte do seu tempo. O arquivo da Cinédia, que não é só sobre a companhia, tem de tudo de todas as épocas do cinema, é o seu refúgio, sua terapia e seu compromisso consigo mesma. Alice é muito disciplinada. Leva e traz dever de casa todo dia para alimentar esse gigantesco google de papel, que no fundo conta várias histórias de todos nós de cinema. É o trabalho de uma vida e que ninguém conhece. É a verdadeira dimensão da preservação das coisas, dos registros. E ao mesmo tempo é sua identidade secreta. Todos conhecem a empresária, a dona dos filmes, a personalidade cinematográfica, mas não a pessoa e muito menos a arquivista, que é a memória viva do nosso cinema.

### ***Há algo em comum com seus outros documentários***

Certamente. Mas não é só com os documentários. É com todo meu cinema. Muitos dos meus filmes se passam nesses espaços apertados, claustrofóbicos, labirínticos. Mas em vez da angústia e das alegorias, as personagens passam por eles sem grandes traumas, aproveitando o momento, mesmo que a contragosto. Sabem extrair algo de positivo da situação.

Aprendem a lidar com experiências por vezes gigantescas, como Sebastião Salgado com seus milhares de negativos e Alice com seus milhares de documentos. São pessoas que conseguem descobrir um sentido, um prazer no que fazem. Levam a vida de maneira lúdica e leve, mesmo que trabalhem seriamente e encarem por vezes grandes tragédias, as humanitárias, no caso do Salgado, as da preservação, no caso da Alice, que viveu na pele a sensação da perda dos acervos, do trabalho de uma vida



**Qual a importância desse filme em sua carreira?**

**Desarquivando Alice Gonzaga** é um filme pequeno, simples, um documentário na linha dos anteriores, procurando deixar que o próprio retratado fale de si e do que lhe importa. É uma homenagem ao trabalho da Alice, um alerta sobre a importância da preservação dos filmes e dos documentos. Mas é também um filme sobre a vida, sobre como encontramos o tempo todo pessoas interessantes, descontraídas, inusitadas, alegres, incomuns. Antes de serem símbolos de alguma coisa, são exemplos de bem-viver. Em sempre fiz documentários ou sobre personalidades consagradas, como o Darcy Ribeiro ou o Sebastião Salgado, ou sobre luminares do cinema brasileiro. Com a Antonieta, protagonista do documentário anterior, que é uma médica legista, e com a Alice, que é mãe, dona de casa, empresária e muitas outras coisas, descobri não-artistas, pessoas comuns, que são capazes de se fabular e mais do que isso, de se reinventar, se aproximando assim do artístico em sua dimensão fundamental que é a de recriar o mundo sempre.



**Uma das marcas do seu cinema é o humor. Desarquivando Alice Gonzaga incorpora esse elemento?**

Alice é uma pessoa muito engraçada, na forma como vê os acontecimentos e o mundo, e na forma como transmite isso. Por ser uma personagem inusitada, bunueslesca, quase surreal, ela nunca segue o padrão, o figurino, e é isso que é a comédia, a desestabilização de nossas certezas.

Em um primeiro momento pode parecer simplesmente uma "louca", mas conforme a acompanhamos, descobrimos uma visão por vezes bem-humorada, por vezes caustica, mas nunca indiferente, diante da realidade circundante. Ela consegue rir até de si mesma, de seus absurdos, e de praticar atos que podem ser tudo, menos convencionais, como arquivar os defuntos da própria família. Vejam o filme e comprovem.



## Ficha Técnica:

Desarquivando Alice Gonzaga

Brasil, 2017, 86 minutos, DCP 2K, cor e p&b, janela 1:85, som 5.1

## Equipe

Direção e Roteiro: Betse de Paula

Produção: Mario Caillaux

Direção de Fotografia: Mustaphat Barat e Lula Araújo

Montagem: Dominique Paris

Arte: Pedro Duarte

Música: Daniel Gang e Gabriel Salazar

Mixagem: Alexandre Jardim

Coordenação de produção: Leonor Camargos

Consultor: Hernani Heffner

Cia produtora: Aurora Cinematográfica

Apoio: CURTA!

Patrocínio: FSA/ANCINE/BRDE

